

AS MONTANHAS DE PALINGA

Com a chegada da aurora e prestes a decidir dormir, Palinga reparou que, pelo fato de olhar para o céu, tinha crescido mais um pouco... olhar para cima é querer alcançar mais. Entretanto, um ténue raio dourado começou-lhe a afagar ternamente o cume. Palinga, que adormecia antes de nascer o Sol e acordava após o ocaso, nunca tinha visto tamanha beleza e ternura. Afinal, era ele, o Sol, que aconchegava as suas encostas com o seu enorme manto de acalento enquanto, habitualmente, dormia. A geada matinal que permeava o seu corpo, verdejante transformou-se em orvalho e Palinga apaixonou-se infinitamente pelo Sol. Deixou de dormir de dia e passou a dormir de noite... Palinga cresceu um pouco mais a cada nascer do Sol, cada dia se apaixonava de novo e o desejo imenso de estar cada vez mais perto do seu amado tornara Palinga, a pequena colina, na maior montanha alguma vez vista pelo olhar dos mortais. Palinga era a morada enamorada.

AS MONTANHAS DE PALINGA

JOAQUIM PINTO

PREFÁCIO
DE
MARIA TERESA SANTOS

EMD
INDEPENDENTE



EMD
INDEPENDENTE

Prefácio

Este livro – *As montanhas de Palinga* – põe de parte as categorias da reflexão filosófica que têm orientado outros escritos de Joaquim Pinto e solicita ao leitor que siga uma narrativa onírica, sem fronteiras entre o acaso e o destino, entre a identidade e a diferença. A subtração à lógica categorial binária permite retirar duma situação improvável, e até contrária ao estipulado pela Convenção sobre os Direitos da Criança, os elementos mínimos constitutivos das viagens de iniciação ao mundo primordial, segundo uma matriz heróica: o compromisso de obediência; as experiências individuais do ir, do estar e do vir; as transfigurações íntimas e excepcionais. Tudo começa com a indicação ou "escolha" de Kharimê, criança franzina de doze anos, para suceder ao grande xamã dos Asthürks, líder do Conselho de Xamãs de Palinga, a montanha de brumas evanescentes, *axis mundi* da África central ou, ainda simbolicamente, "coluna cósmica" em torno da qual se dispõe o mundo habitável e se situa a abertura de comunicação entre as diversas dimensões do mundo (Eliade, *O Sagrado e o Profano*. 1995: 38). É neste cenário topológico, a que não falta a planície, o rio, a montanha e a gruta, que se realizará a prova do "caminho das 100 luas", condição decisiva para assegurar o reconhecimento tribal da vocação xamânica de Kharimê.

Sem se deter em justificações da ordem da racionalidade demonstrativa, Joaquim Pinto prefere evidenciar na viagem iniciática os sinais duma pedagogia do "brincar", valorizadora da escuta multidimensional, da insistência cuidadosa e do laçamento entre a inteligência